

Revista Iberoamericana de Turismo



MINISTERIO
DE ASUNTOS EXTERIORES
Y DE COOPERACION



GABRIELA, CRAVO E CANELA: POSSÍVEIS LEITURAS ENTRE OS JARDINS DO MUSEU RODIN

Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Professora da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

E-mail: alzira@gmail.com

Resumo

Este ensaio se propõe a narrar sobre o acontecido numa tarde em que leitores amadianos encontraram-se nos jardins do Museu Rodin, num dos *Momentos de Leitura*, programados pelo Proler-Salvador, para um reencontro e uma releitura do mais polêmico, mais lido e mais emblemático livro de Jorge Amado: *Gabriela, cravo e canela*, personagem que se insere num projeto consciente do autor de representar, na ficção, um modelo, um tipo ideal de mulher baiana, brasileira, símbolo de identidade nacional. Tal romance aponta para uma coerência ideológica do escritor com a estética do realismo socialista que defendia como elemento fundamental para validação da arte, os aspectos ligados ao folclore, ao riso, às expressões da arte popular. Pretende tangenciar pela trajetória literária do escritor e diante da grandeza e atualidade da sua obra, em especial *Gabriela, cravo e canela*, apresentar leituras possíveis do romance. O seu tempo, o contexto, as visões imaginárias construídas por brasileiros e estrangeiros sobre a Bahia e seu povo, alimentadas pela leitura do romance, a conformação do mundo das mulheres na estrutura social da Ilhéus de 1925, a história de Malvina, uma leitora de romances, a entrada e retorno de Gabriela às telas da TV.

Palavras-chave: Gabriela, cravo e canela. Jorge Amado. Literatura baiana.

1 MOMENTOS DE LEITURA

Por ter sido a primeira a se apresentar nos *Momentos de Leitura*, e neste ano homenageando Jorge Amado, achei por bem pensar e escrever sobre o que tal momento representou para mim e creio para muitos, antes de falar sobre o romance e seu autor. Foi assim. Numa tarde de sábado, leitores amadianos encontraram-se nos jardins do Museu Rodin, num dos *Momentos de Leitura*, programados pelo Proler-Salvador, para um reencontro e uma releitura do mais polêmico, mais lido e mais emblemático livro de Jorge Amado: *Gabriela, cravo e canela*.

À sombra de árvores centenárias do Museu Rodin, instalado no Palacete das Artes¹, escultura e literatura encontraram um espaço de diálogo. E com base no contemporâneo conceito de museu integral, foi traspassada a fronteira da arte: literatura e escultura aliaram-

¹A mansão, onde funciona o Palacete das Artes Rodin Bahia, pertenceu ao comendador Bernardo Martins Catharino, nascido em 03 de julho de 1861, em Portugal. Aos 50 anos, representante da elite social e econômica no Estado, resolve construir um Palacete no bairro da Graça da cidade de Salvador (Bahia, Brasil), que o estilo eclético guarda fortes referências arquitetônicas francesas. O Palacete das Artes tem como missão difundir a cultura e as artes moderna e contemporânea, por meio de ações de preservação, pesquisa, educação, exposição e democratização do acesso aos seus produtos, com o objetivo principal de compartilhar conhecimentos e experiências a uma diversidade de públicos, buscando a excelência a serviço da sociedade. O prédio foi escolhido para abrigar o Museu Rodin por um conjunto de características favoráveis, sendo uma delas o fato de guardar uma relativa semelhança com o Hotel Biron, local onde está instalado o Museu Rodin Paris. Disponível em: <http://www.palacetedasartes.ba.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2014.

se, fazendo do espaço museológico, originalmente turístico, um espaço de socialização e convivência onde leitores, cultura, aprendizagem e arte abriu-se a múltiplas e possíveis leituras.

Compartilho o dito por lá e que aqui volto a contar. Os momentos que de agora por diante serão vividos aqui, graças à feliz ideia do Proler, vai nos fazer reviver antigos gestos e hábitos, vai nos remeter ao tempo em que os homens se reuniam para narrar e ouvir aquilo que era retirado da sua própria experiência, experiência que era incorporada à experiência dos ouvintes. E era assim que se transmitiam as tradições, crenças, o conhecimento. Aqui tentaremos resgatar esses momentos. Aqui, como num mercado, o escambo das nossas experiências armazenadas e narradas, sejam elas literárias, estéticas, existenciais vão ser cambiadas. Aqui será um lugar de troca.

Vejo também esse lugar de leitura, como nos diz Humberto Eco (2006), como um bosque, no qual adentraremos guiados pelo nosso arbítrio, pelas nossas escolhas. A escolha dos livros que serão lidos. Os desvios, os atalhos que optamos por seguir, o conhecimento ou reconhecimento do caminho, a interpretação dos sinais apontados pelo texto são reflexos de caminhadas anteriores, do acúmulo de experiências por outras trilhas que vão compondo o nosso repertório e que vão definindo nosso horizonte de expectativas como leitor, o nosso senso estético, as nossas interpretações. Sabemos, portanto, o quão múltiplas e diversas serão as leituras e interpretações que aqui serão apresentadas.

E se cada um de nós, leitores, nos deslocamos e aqui estamos, comungando desse *Momento de Leitura*, certamente é porque acreditamos que a literatura, esse “alimento dos espíritos indóceis, é propagadora da inconformidade, além de ser um refúgio para aqueles a quem falta algo na vida, para aqueles que não estão satisfeitos com a sua sorte, para aqueles que não se contentam em viver a vida tal como é vivida”, incompleta às vezes, como n’algumas tardes de sábado, e nela encontram um sentido, pois assim já pensava e dizia Vargas Llosa (2004). E por acreditar em tudo isso e na possibilidade ilusória que nos dá a literatura de mergulharmos na vida dos outros e de sermos outro, ou aquilo que desejamos ser momentaneamente, estamos aqui, afastados da rotina das nossas vidas para juntos vivermos a vida inventada por Jorge Amado e vivida de forma exuberante e livre, pela mulher que cheirava a cravo e a canela, a retirante Gabriela.

2 SOBRE JORGE E A LITERATURA

Mas antes de tentarmos falar algo de novo sobre uma personagem já tão conhecida pelos leitores e pelos críticos, falemos um pouco do seu criador, Jorge Amado, um escritor responsável pela construção de imagens que recorrentes e resignificadas, vêm alimentando o imaginário dos povos que projetam a Bahia como Terra da Felicidade e o Brasil como um Paraíso Terreal.

Começando com *O país do carnaval* e indo até *A descoberta da América pelos Turcos*, a produção literária de Jorge Amado é intensa, produtiva e polêmica estendendo-se por longos 61 anos. Nesse percurso, seus modos de escrever provocaram fascínio e repúdio, transgressões e acatos, tanto por parte dos seus aficionados leitores, quanto da crítica avaliadora dos seus dotes literários.

Ao longo desses anos, mais que qualquer outro escritor brasileiro, foi lido por milhares de leitores, o que o colocou à mercê de uma pluralidade de leituras e tendências críticas que cresce significativamente a partir da publicação do romance *Gabriela, cravo e canela*, em 1958. Com base na imensa massa de leitores que acompanhavam o autor desde o seu primeiro livro, *País do Carnaval*, lançado em 1931, e nos milhares de exemplares vendidos no Brasil e no exterior, Jorge Amado pode ser considerado como um escritor que

foi capaz de tanto mobilizar a máquina editorial como alçar as glórias da academia, além de seduzir o mercado internacional e conquistar o abstrato e poderoso “leitor médio brasileiro” (PELLEGRINI, 1999, p.125).

Ademais, essa conquista, na década de 70, se amplia com a presença de Amado na mídia, através de suas obras, o que lhe faculta uma aproximação ainda maior com um público, agora telespectador e longe das amarras que a cultura letrada e as patrulhas ideológicas lhe impunham, o escritor prenuncia o processo pelo qual, posteriormente, passaria o cânone literário brasileiro: o de pôr em suspenso a noção de valor estético da obra literária, investindo na relação que esta mantinha com o leitor.

Eduardo Assis Duarte, estudioso da obra amadiana, (1995, p.17) afirma que poucos escritores no Brasil foram lidos por uma gama imensa de leitores nacionais e estrangeiros considerando que Jorge Amado é o nosso escritor de maior repercussão popular, produtor da “única obra da literatura brasileira com ampla penetração internacional, tendo chegado, igualmente, a milhões de leitores nas três Américas, na Europa e na antiga União Soviética.”² As traduções de obras do escritor Jorge Amado tem se constituído numa via de acesso para a entrada, em muitos países, da literatura brasileira, principalmente para aqueles que, afastados do Leste Europeu, dentre eles os Estados Unidos, mantinham um distanciamento ideológico dos países comunistas, onde o escritor Jorge Amado tornou-se conhecido desde os seus primeiros livros publicados.

Ainda de acordo com Duarte (1995), o entusiasmo por parte dos leitores, refletido nas sucessivas edições de seus romances e nas tiragens espetaculares para a época, não foi acompanhado por grande parte da crítica literária prevalecendo a postura redutora de considerar a ficção amadiana de maniqueísta e superficial, postura que se contrapunha a outra corrente que aplaudia a novidade, a nova forma de Amado escrever sobre e para o povo, adotando uma linguagem marcada pela oralidade, recuperando “modalidades dos falares populares que o romance brasileiro até então fora incapaz de incorporar ou o fizera de modo excessivamente estilizado. (DUARTE, 1995, p.12).

Por ter sua obra traduzida em mais de 49 idiomas, em mais de 50 países, com tiragens que ultrapassam milhões de exemplares, Jorge Amado tem sido considerado como uma “griffe”, uma marca brasileira que ultrapassa, em muito, o domínio da literatura, sendo o seu nome transformado num espelho do Brasil e principalmente da Bahia, terra/musa, por ele considerada como “uma nação, românica, sensual e mágica [...] cenário e tema de praticamente toda a minha obra de ficção, é território e nação onde a realidade cotidiana é terrível, de miséria, fome e opressão, coexiste com uma realidade mágica, de invenção, de encantos e advinhas.”(AMADO, 1980, p.50).

Como escritor, inicia sua produção em 1930, em pleno movimento Modernista. No entanto, desde os 14 anos já começara a escrever em jornais, no *Diário da Bahia*, no *Imparcial* e a participar ativamente da vida cultural e literária da cidade de Salvador, sendo um dos fundadores da Academia dos Rebeldes, grupo de jovens que se reuniam em torno do jornalista e poeta Pinheiro Viegas que, mesmo opondo-se a um outro grupo, o Arco & Flecha, conjuntamente, desempenham um papel relevante na renovação das letras baianas ao preconizarem “uma arte moderna sem ser modernista”.

O próprio Amado declara que “[...] nada tínhamos a ver com o modernismo, nossa geração não sofreu qualquer influência do modernismo - um movimento regional de São Paulo que teve pequena influência no Rio e quase nenhuma no resto do país [...]. (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 52-53).A conquista para esses jovens, segundo Bastide, representava “uma revitalização do folclore e de uma língua sincrética ao mesmo tempo

² Cf. Eduardo Assis DUARTE. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 17.

portuguesa, indígena, africana [...] mas que não era questão de criar [...] pois já existia, bastava fazê-la atravessar o limiar da literatura [...]. (AMADO *apud* RAILLARD, 1990, p. 44). Assim o fez Jorge Amado.

Na década de 1930, ainda sopravam os ares da revolução socialista de 1917. Aos 20 anos, já tendo escrito o seu primeiro livro, Jorge Amado filia-se à Juventude Comunista e ingressa no cenário literário brasileiro levando consigo o povo e sua fala, sua própria expressão, crenças, miséria, poesia, denunciando a sua discriminação, inspirando-se na sua cultura, o que termina por lhe facultar um estatuto de herói. É documentando com poesia e comprometimento, a saga do proletariado brasileiro, do homem do povo, dando-lhe uma dimensão de universalidade, que Jorge Amado passa a dialogar com o seu tempo, inserindo-se, segundo Duarte (1995), “[...] na grande corrente da literatura social em vigor no período”.

A literatura produzida nessa época pelos romancistas da geração de 30, segundo Antonio Cândido, inaugura o romance brasileiro, a nova ficção nordestina, regionalista, documental, enxertada de sentido social, e em particular, destaca-se a produção amadiana. Por ser uma literatura que estabelecia, entre o projeto político e o projeto literário, uma relação simbiótica, o desejo era, através dela, transformar o mundo, denunciar as contradições sociais que caracterizavam a cultura brasileira, representada pela prosa literária de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado.

Segundo Albino Rubim, (19?? p.220) a “cultura do partido” instituiu critérios de avaliação das obras literárias atrelados a uma visão de engajamento, que cobra do artista e do escritor um compromisso com as questões sociais do país, daí priorizarem o conteúdo em detrimento da forma. Rubim acrescenta que, o Partido Comunista, fundado em 1922, passa a imprimir sua marca na literatura e nas artes, visivelmente a partir de 1930, expressando uma avaliação negativa do movimento modernista de 1922, do ponto de vista estético-literário – por suas “frases de efeito e estilo de ornamentação” – e político-cultural – pela compreensão de “brasilidade” e de renovação nacional dos modernistas, apropriada, segundo o Partido Comunista, pelo discurso oficial do Estado Novo.

A obra produzida por Amado, nesse período, num tempo cognominado por Duarte (1995) de “tempos de utopia”, é marcada pelo lançamento de *O país do carnaval* - 1931, indo até *Subterrâneos da Liberdade*-1954.

Afastando-se do cenário brasileiro, de 1948 a 1953, por força da cassação do registro do Partido Comunista e do seu mandato de deputado, Jorge Amado passa a viver exilado na Europa. Fixa residência na Tchecoslováquia, mas é na Rússia que começa a escrever *Os Subterrâneos da Liberdade*, só publicado quando do seu retorno ao Brasil em 1954. Nessa época, Amado detinha um considerável conhecimento da atividade editorial, exercida na Editorial Vitória,³ pertencente ao Partido, nas editoras Schmidt e José Olímpio e uma larga experiência jornalística. Numa entrevista concedida a Alice Raillard, Jorge Amado confessa que “trabalhava em edição porque não queria um emprego que [o] afastasse demais daquilo que [...] queria realmente fazer, ou seja, escrever. Queria ser um escritor profissional”. (AMADO, 1990 *apud* RAILLARD, 1990, p. 112).

O desejo, a experiência e o desencanto conduziram e fortaleceram a decisão que Amado viria a tomar: a de ser apenas “um escritor”. Nesse tempo, já esboçava o desejo de viver de literatura, livre das amarras sectárias da militância e do cerceamento à liberdade de

³ Os comunistas desenvolveram uma intensa e sistemática atividade editorial nos anos de 1940 a 1950. Nasceu nesse período o Editorial Vitória, que seria a editora mais importante dos comunistas brasileiros. Nos anos de 1950, publicou a coleção “Romances do Povo”, sob a direção de Jorge Amado. Cf. Augusto BOUNICORE. Comunistas, cultura e intelectuais entre os anos de 1940 e 1950. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 32., jan., 2004. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/o32/32cbounicore.htm> p. 2. Acesso em: 13 fev. 2008.

criação imposta pelo Partido. Na literatura, o paradigma cultural forjador da “cultura do partido” instituiu critérios de avaliação que priorizavam o conteúdo em detrimento da forma e, por se colocarem antagônicos às conquistas formais e às renovações literárias propostas pelo Modernismo, deram margem a uma argumentação por parte da crítica literária da época de que a obra de Jorge Amado, ao aliar política e produção literária, era uma obra de baixa qualidade estética, maniqueísta e panfletária.

Segundo Nelson Cerqueira (1988), estudioso da trajetória literária e política de Amado, de 1934 a 1958, Jorge Amado foi acusado pelos críticos não marxistas de escrever literatura de propaganda e panfletos ideológicos, enquanto os esquerdistas classificavam-no de realista, crítico realista e, por vezes, socialista realista.

O retorno do Jorge Amado ao cenário literário brasileiro, em 1958, marcado pela publicação do romance *Gabriela, cravo e canela*, é saudado pelo crítico Eduardo Portela (1959) “como um dos acontecimentos mais importantes desses nossos dias literários e *Gabriela, cravo e canela* como sendo a afirmação categórica dos méritos novelísticos do escritor”. No entanto, esse retorno provoca, ou melhor, reinicia uma polemização no seio da crítica brasileira e uma decepção aos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro. O picaresco, o riso, o humor, a sensualidade da personagem Gabriela, o estético que percorre toda a obra, distanciados do “cartesianismo” socialista das obras anteriores, surpreendem os críticos inseridos no rígido paradigma cultural do Partido; companheiros de militância, amigos do escritor, críticos que por comungarem do mesmo ideário, aplaudiram a publicação de *Subterrâneos da Liberdade*. E surpreendem, são aplaudidos, recebidos com certa reserva pela crítica esteticista, pelos impressionistas e críticos de rodapé.

Esse é o momento, o “marco zero” da maior polêmica que caracteriza a trajetória amadiana: com *Gabriela, cravo e canela*, Jorge Amado teria abandonado o ideológico em favor do estético? É nesse clima que em 1958, Jorge Amado publica *Gabriela, cravo e canela*. Para tanto, se faz necessário lançar um olhar retrospectivo sobre a circunstância histórica de sua composição, final dos anos 1950, a qual andou paralela ao desapontamento dos comunistas diante das denúncias e acusações de ilegalidades cometidas por Stalin, durante o XX Congresso do Partido, repercutidas na visível exaustão do domínio e intervenção do Partido Comunista na política cultural do país.

3 GABRIELA, CRAVO E CANELA: O ROMANCE, SEU TEMPO E CONTEXTO

Na trajetória literária de Amado, o romance *Gabriela, cravo e canela*⁴ se constitui, para muitos, num ritual de passagem. É quando o escritor, sob os olhares da crítica literária e do Partido Comunista, dá continuidade ao seu projeto literário livre das amarras do sectarismo pregado pela cultura do partido e se lança, tal como afirma Eduardo Portela para “O infatigável sonho da liberdade”.⁵

Jorge Amado situa o romance nos idos de 1925, em Ilhéus. O tempo e o lugar onde se desenrola todo o enredo do romance. A cidade vivia em ritmo de progresso. Passava por profundas transformações econômicas, políticas e sociais que lhe mudavam a fisionomia, o traçado, as vestes, os hábitos. Novas ruas, bares, cafés, residências modernas e arejadas, novos cabarés, o Bataclan, o transporte rodoviário, a construção do Porto, a Papelaria Modelo, toda a riqueza advinda do cacau, faziam soprar em Ilhéus os ares da civilização.

⁴ Publicado em agosto de 1958 em duas semanas esgota uma tiragem de 20.000 exemplares e até dezembro do mesmo ano atinge 50 000 exemplares. Cf. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 3, mar. 1970. p. 17.

⁵ Título de um artigo sobre Jorge Amado publicado na Revista de Letras, UFRJ, n.1, 1983, e no livro *Jorge Amado: ensaios sobre o escritor*. Salvador: UFBA, 1982.

Na contramão, como uma brisa leve, evoluíam os costumes locais e ainda se via, nesse tempo, imperar o desmando dos coronéis, a lei do mais forte, o cerceamento da liberdade feminina como se a modernidade que se avizinhava não pudesse abalar as relações patriarcais fincadas naquelas terras. O que Ilhéus vivia, ficcionalizado no romance, era um momento de transição da velha ordem oligárquica dos coronéis para o advento de uma nova ordem política, implementada pelos representantes de uma nova classe média urbana, em nome do progresso.

É nesse contexto que comparece Gabriela, numa constelação de personagens femininas as quais é dado um maior ou menor relevo, indo da submissão às normas vigentes, aos comportamentos transgressivos que, movidos pela repressão se tornam os ingredientes que irão caracterizar, no romance, os impasses e as soluções suscitadas pela modernização da cidade. “Jorge Amado ao contextualizar seu enredo e ao representar “suas mulheres” como as representa, aponta para as características fundamentais da sociedade brasileira dos anos 20 que começa a modernizar-se” (MAGALHÃES, 1997, p.31).

Segundo Alice Raillard (1990) no romance de Jorge Amado o tempo é o tempo da realidade imediata e o tempo do romance corresponde ao tempo da escrita. Para a autora, só depois de *Pastores da noite* é que o romance toma a função de memória. Dessa homologia com a história e estabelecida ao escrever *Gabriela, cravo e canela*, é o próprio autor que nos fala:

Quando falamos de Gabriela, tenho muito a dizer. Não propriamente sobre Gabriela, mas em torno. [...] Na realidade, Gabriela foi um livro de 58 e Brasília foi inaugurada em 60 [...]. É um livro otimista e naquele momento havia um certo sentimento de orgulho nacional no Brasil. Foi um momento em que devido a uma série de circunstâncias, inclusive o XX Congresso, que rompeu com o sectarismo, se conheceu no Brasil uma espécie de “convivência” democrática entre políticos, intelectuais e artistas, etc. E foi um momento de grande dinamismo cultural. Foi nesse clima que escrevi Gabriela e de certa maneira e verdade o livro corresponde a esse clima (AMADO, 1990 *apud* RAILLARD, 1990, p. 272).

O tempo da escrita do romance é o tempo do Brasil de Juscelino Kubitschek. Os anos de 1956-1961. “O país vive um processo de modernização técnica e renovação cultural manifestada pelo surgimento de diversos movimentos artísticos que atingiram profundamente a sociedade brasileira” (CARVALHO, 1992, p.47). A construção de Brasília, o incremento da indústria automobilística, a implantação da televisão, a bossa nova, o Teatro de Arena, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, para quem o nacionalismo surge como uma ideologia desenvolvimentista, inspiram um clima de euforia, favorecendo, segundo o próprio Amado, a “uma espécie de convivência democrática entre políticos, intelectuais e artistas [...] Uma grande efervescência em todos os setores. Foi nesse clima que escrevi *Gabriela* e de certa maneira, é verdade, o livro corresponde à realidade deste clima” (AMADO, 1990, *apud* RAILLARD, 1990, p. 274).

A Bahia dos anos de 1950, governada por Antonio Balbino (1955-1959) e Juracy Magalhães (1959-1963), também respirava os ares da modernização, movida pelos ecos do discurso modernizador de Kubitschek. A industrialização lhe chega através da Petrobrás. Com a criação da Comissão de Planejamento Econômico - CPE, a Bahia se volta para o estudo e o planejamento estratégico de sua economia e para a modernização da sua estrutura administrativa. A Universidade, sob a égide do Reitor Edgar Santos, insere-se

nesse processo, através da implementação de ações renovadoras que favoreceram uma ambientação propícia ao surgimento de artistas e intelectuais.

Os reflexos dessa ambientação, desse “espírito de época”, influenciaram no processo de se fazer literatura no Brasil. Muitos intelectuais dessa geração, dentre eles Jorge Amado, imprimem às suas manifestações culturais, à terra e ao povo, características que afirmem a sua identidade. Gabriela é a primeira personagem feminina, amadiana, construída nesse contexto de afirmação identitária, uma representação do anseio de liberdade de Jorge Amado e do desejo de marcar a identidade de sua terra, a Bahia, através do seu exotismo e da sua exuberância, da sua diferença.

Nos anos 1950 e 60 essa identidade baiana vai confluindo para a imagem de uma mulher híbrida, não uma mulher negra, pois se assim o fosse não abrangeria todo o povo baiano, a imagem de uma mestiça, Gabriela, com “cor de cravo e sabor de canela”, identidade cuja reincidência se configura, posteriormente, em Dona Flor, Tereza Batista, Tieta do Agreste.

A Jorge Amado sempre foi atribuído um modo especial de se referir a sua terra e a sua gente. Como contador de histórias, descrevia sua terra e o seu povo como um universo colorido, voluptuoso, místico onde reina a alegria e o prazer, características que compunham a representação da personagem Gabriela. Entrevistado pela revista *Manchete*, em 1977, sobre a crença numa fórmula baiana e tropicalista, como a fórmula de Gabriela, e se essa poderia se repetir em outros romances, ele responde: “[...] não sei o que seja fórmula baiana e tropicalista. Nós baianos formamos uma nação romântica e sensual, lúcida e mágica” (AMADO, 1977).

À produção literária de Amado tem se atribuído as visões literárias da Bahia e do Brasil que alimentam o imaginário de brasileiros e estrangeiros. Tendo cultivado uma extensa rede de relacionamento no Brasil e no exterior, e estando sempre presente na pauta dos meios de comunicação de massa, alvo de entrevistas e pronunciamentos, Jorge Amado sempre deixou escapar o exotismo, a exuberância e a sensualidade como características do povo e da mulher brasileira.

Entrevistado pela revista *Playboy*, e questionado sobre a sexualidade da mulher baiana, Jorge Amado declara: “Acho que os brasileiros são sensuais. Nós somos mestiços, resultado de uma mistura de povos de grande vigor de ordem sexual. E somos muito sensuais, na dança, na culinária, etc”. (AMADO, 1980, p.38). Tal assertiva enquadra-se no modelo de representação da personagem Gabriela, uma mulher mestiça que se insere no projeto do autor de representar, na ficção, um modelo ideal de mulher brasileira, símbolo da identidade nacional. Numa outra ocasião na *Semana do Autor*, evento acontecido em Madrid, em 1989, o entrevistador o apresenta como um escritor que “no es únicamente una de las más altas cimas de la literatura en lengua portuguesa, sino la representación misma de la cultura fértil y multicolor del Brasil. La gusta definirse a si mesmo como “bahiano romántico y sensual”.

Diante do exposto, não se pode negar que a vida e a obra de Jorge Amado se misturam e que as marcas deixadas em cada canto por ele percorrido e em cada leitor de seus livros, vêm moldando uma imagem oficial da Bahia, representação que não se pode dissociar de uma imagem de Brasil que são recorrentes e resignificadas pelas leituras do romance *Gabriela, cravo e canela*.

4 GABRIELA: A NOVA MULHER DO BRASIL

As visões imaginárias construídas por brasileiros e estrangeiros sobre a Bahia, têm sido alimentadas, ao longo do tempo, pela vida e obra do escritor Jorge Amado. Nas

leituras do romance *Gabriela, cravo e canela*, oriundas de uma diversidade de tempos e lugares, há uma recorrência e ressignificação dessas imagens que projetam a Bahia como “Terra da Felicidade” e o Brasil como “Paraíso Terreal”. Jorge Amado, como um “contador de histórias construiu com a sua literatura, no imaginário de seus milhões de leitores, uma imagem de Bahia que o tempo, com a sua vertigem e descontinuidade, não tem conseguido apagar.

Constrói Gabriela uma personagem que, associada ao que se come, ao que se cheira, ao cravo e à canela, já no título do romance, trás um apelo aos sentidos. O título nos remete aos prazeres do paladar e do olfato como também nos remete a um “tom” característico de um determinado tipo étnico, a mulata, a mulher híbrida da Bahia. Gabriela enquanto personagem, insere-se num projeto consciente do autor de representar, na ficção, um modelo, um tipo ideal de mulher baiana, brasileira, símbolo de identidade nacional, propósito assumido pelo romancista ao referir-se assim à sua personagem: “[...] eu queria criar uma mulher que fosse símbolo da mulher brasileira, uma mulher do povo”(AMADO, 1995, p. 12).

A primeira aparição da personagem no romance é emblemática, mítica. Gabriela à caminho de Ilhéus: “[...] a poeira dos caminhos da caatinga a cobria por completo que era impossível distinguir seus traços”. Uma segunda aparição se dá quando chega à cidade: “[...] foi quando surgiu outra mulher vestida de trapos miseráveis, com tamanha sujeira que era impossível ver-lhe as feições e dar-lhe idade, os cabelos desgrenhados, imundos de pó, os pés descalços” (AMADO, 1995, p.13).

Envolta em pó, ela irrompe na história e aos olhos do leitor como uma visão bíblica, como se repetisse o surgimento do ser humano inocente, acima do bem e do mal, sem convenções. Mas, à medida que vai se arredando o pó do seu corpo, começa a serem delineadas as características de uma mulher irresistível, cujos atrativos físicos vão sendo retomados com insistência e minúcia, revelados, no romance, pelos olhos lúbricos de Nacib, quando da sua volta do trabalho para casa. Ao deparar-se com a visão de Gabriela: “[...] ficou parado sem acreditar [...] caído o braço roliço [...] os longos cabelos espalhados nos ombros [...] um rasgão na saia mostrava um pedaço da coxa, cor de canela, os seios subiam e desciam ao ritmo do sono, o rosto sorridente [...]” (AMADO, 1995, p.15.).

Essa chegada mítica da personagem, e esse desvelamento aos olhos do Outro, Sr. Nacib, pode ser considerada como ponto de partida, para trazermos à cena visões imaginárias da Bahia e conseqüentemente do Brasil, construídas através da representação literária de Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela*, que tendem a assumir uma forma metafórica de expressão a lhe atribuírem outros sentidos. Inúmeras são as metáforas e metáforas recorrentes, também nos discursos sobre a Bahia. Da leitura do romance, dentro e fora do Brasil, elas se reportam ainda à velha imagem da Bahia doce, terna, voluptuosa, chão de liberdade e berço do Brasil. Vejamos o que dizem esses leitores.

Em 1958, ano da publicação do romance, Alceu de Amoroso Lima escreve um artigo, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, intitulado *Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis*, considerando Gabriela “uma personagem que de ora avante fará parte da galeria das nossas melhores criações estética, essa nova fruta do mato e flor do agreste, Gabriela, a cabrita dos sertões que é também o povo, na simbologia do autor” (LIMA, 1958).

Ao eger dentre as personagens femininas de Jorge Amado àquela que mais lhe tocava o coração, a cronista Maluh Ouro Preto (1958) escreve um artigo intitulado *As heroínas de Jorge Amado*, onde faz uma apologia à personagem: “é a mais linda, é uma força da natureza, é puro instinto, entre todas é a mais brasileira, a mais nossa, com sua cor de canela, seu cheiro e seu andar”. (OURO PRETO, 1958).

Em 1975, na revista *Nova*, o crítico Ricardo Ramos publica a resenha “*Gabriela e asoutras mulheres de Jorge Amado*” ressaltando a evidência dada pelo romancista às personagens femininas, principalmente,

Gabriela com seu cheiro de cravo e canela que deslumbrou Ilhéus em 1927 e ainda nos deslumbra [...] Gabriela inspiradora das fantasias eróticas dos baianos e todos os brasileiros. [...] e Jorge Amado ao levantar o seu universo mítico, essa Bahia que é ao mesmo tempo referência geográfica, realidade social e invenção mágica, criou dezenas de tipos femininos (RAMOS, 1975, p. 101).

Considerando *Gabriela, cravo e canela* como uma rapsódia picaresca, o escritor Brito Broca publica o artigo *A Bahia de Jorge Amado* afirmando que em “*Gabriela, Jorge Amado criou, indiscutivelmente, um dos tipos mais curiosos e expressivos da moderna ficção brasileira: o da mulata bem perto da terra, cheirando a cravo e canela*”. (Brito Broca, 1958). Um olhar vindo de perto, vindo do Ceará, do escritor Oliveiro Litrento (1958), enquadra Gabriela dentro de “uma terra nativa assombrosamente lírica e trágica, a Bahia”, e a considera “um prodígio, em vez de uma criatura humana”.

Através do turco Nacib e da mulata Gabriela, Jorge Amado passa a sentir a vida de um ângulo novo em sua obra [...] aquele que se prende com visível preferência [...] sensorial e sensual que tem a volúpia da fruição dos deleites e das sensações [...] sejam táteis, olfativas, visuais ou gustativas [...] (ROCHA, 1959, S. p.).

Ao apresentar esse elenco de visões imaginárias da Bahia que se confundem com imagens do Brasil, construídas por leitores do romance, dentro do próprio país, percebemos o quão recorrentes e impregnadas elas estão da obra e do espírito de Jorge Amado. Percebemos também que, da diversidade do tempo e do lugar de origem desses olhares resultam tipos determinados de leituras e construção de imagens, em particular, imagens da mulher mulata, imagens da Bahia e do Brasil.

Vale trazer à cena olhares e leituras que vêm de fora. Num livro publicado pela Fundação Casa de Jorge Amado, “*Memórias paralelas da Bahia*” a escritora portuguesa Augustina Bessa-Luis descreve as lembranças de sua primeira visita à Bahia:

[...].Eu penso que nada melhor exprimiu a Baía do que Gabriela, de Jorge Amado. Gabriela é a Baía, Jorge Amado descreve a Baía como uma mulher e esta tem sentido de metáfora adormecida [...]. Em Gabriela há uma metáfora adormecida: a terra baiana que permanece e não muda através da fantasia. Ela nunca se extingue para o amor e a liberdade [...] (BESSA-LUIS, 1989).

Ramon Suarez, escritor chileno compara a Ilhéus de Jorge Amado ao condado de Faulkner, a Macondo de Garcia Marques, um local que “entre lutas pelo cacau e a riqueza, o imigrante Nacib e a marginal Gabriela se encontram em um lugar que é a terra da promessa. Gabriela, a mulher, é a terra brasileira que recebe o viajante que a fecundará. O filho se chamará progresso” (SUAREZ, 1994, p.18).

Considerando que Gabriela representa “a mulher nova do Brasil”, o crítico espanhol Juan Corominas a vê como “um germe de um mito para os tempos vindouros, de quem nada se sabe de sua vida anterior e como uma princesa emerge da selva [...]”. Gabriela

é um sonho, uma ilusão [...] talvez uma criança, ou o povo quem sabe?” (COROMINAS, 1985, p. 484).

Na leitura do crítico francês Jean Roche, estudioso da obra amadiana, o ideal de liberdade proposto por Amado, a miscigenação por ele decantada, são apontadas com características do escritor, numa fértil demonstração da relação entre vida e obra estabelecida pelo escritor, apercebida pelos seus leitores.

A bela mulata, duplo símbolo da miscigenação, da pureza original, desconhecendo a noção de pecado e fugindo, depois da sujeição do casamento, é a dupla negação da religião e da instituição, a afirmação da espontaneidade (virtuosa e fonte de felicidade para o prazer dos sentidos), a reivindicação da liberdade, contra todos os tabus sociais, ela é efetivamente Jorge Amado (ROCHE, 1987, S.p.).

Através dessa gama diferenciada de discursos e leituras do romance “*Gabriela, cravo e canela*”, fica claro como as imagens da Bahia foram apropriadas, reapropriadas, em tempos e lugares diferentes e como essas contingências, articuladas, foram formando redes e comunidades de sentido cujo processo de construção e internalização dessas imagens vêm se sedimentando no imaginário social pela sua reincidência e repetição, não só através da literatura, mas através dos homens, dos seus testemunhos, por viajantes, pelos seus relatos, correspondências, pela iconografia, pelas traduções e adaptações.

4 ILHÉUS E SUAS MULHERES - MALVINA UMA LEITORA DE ROMANCES

Na Ilhéus, do romance *Gabriela, cravo e canela*, o mundo da mulher tinha uma conformação bem definida na estrutura social. Com fronteiras bem delimitadas, aos diversos “tipos” de mulher eram atribuídos papéis diferenciados. À mulher de família era reservada a educação dos filhos, os encargos domésticos, a prática religiosa, o lugar da desertização. Eram muitas vezes, essas mulheres, moeda de troca e objeto de conchavos e interesses sociais, políticos e econômicos de seus homens, pais ou maridos. Criadas para casar.

As solteironas, como as irmãs dos Reis, Quinquina e Florzinha, doceiras, mulheres de família que por incompetência, por falta de atributos, repressão ou mesmo por terem cultivado uma virtuosidade excessiva, aquelas que não alçaram ao status de casada, tornavam-se guardiãs da ordem e da moral, assumindo o papel de vigiar aqueles homens e mulheres que aos seus olhos, conspurcavam os costumes e a religião com suas práticas libidinosas, transgressoras.

Prostitutas, como Glória, raparigas, representam no romance, o universo das mulheres à margem da família. Figura imponente, cobiçada, Glória fazia da sua janela um altar onde incendiava o desejo e a luxúria dos homens de Ilhéus. Essa faceta, que tem sido uma constante na representação das prostitutas, vem circulando pelo universo romanesco onde elas tanto podem ser a mulher fatal, poderosa, diabólica quanto a mulher vitimizada pelo destino, frágil, sofredora. Glória, ao se encaixar no primeiro modelo de representação, não só alimentava as fantasias eróticas masculinas, como o imaginário feminino com a ideia de que a prostituição é um espaço de libertação física e moral da mulher.

As prostitutas em Ilhéus, na verdade, exerciam um papel fundamental na ordem social da cidade por contribuírem para a manutenção dos valores tradicionais, machistas. Essas mulheres davam aos homens a possibilidade de se sentirem viris, de viverem sensações privadas de serem sentidas com suas esposas, garantiam “a honradez das famílias, sua harmonia, a castidade das filhas e esposas dos coronéis, e mesmo a estrutura

das famílias menos abastadas” (MAGALHÃES, 1997, p.31). Consideradas por Rosana Patrício (1999), como “mulheres pobres exploradas numa situação de dupla serventia”, as empregadas domésticas, discriminadas socialmente, vivendo numa invisibilidade aparente, prestavam serviços domésticos sob o mando das patroas. Sob o comando dos patrões deviam prestar circunstancialmente, alguns serviços sexuais quando solicitadas.

Gabriela, como empregada doméstica, elevada a personagem principal do romance, possui a chancela da transgressão das normas e valores conferidos às mulheres na estrutura social de Ilhéus. Ao aparentar estar à margem do contexto, na verdade ela expressa a possibilidade de mudança, a utopia do autor numa efetiva transformação da realidade. Ilhéus, “[era] uma civilização a construir”.

As donzelas, filhas de coronéis, moças de “família”, essas viviam um destino já traçado. Estudar no colégio de freiras, aprimorar-se nas prendas domésticas, serem criadas dentro das normas e padrões que as mantivesse como bons partidos para os casamentos futuros, escolhidos por seus pais. A essas meninas, que na adolescência até gozavam de uma certa liberdade, apesar de vigiada, era dado o direito de estudar no colégio das freiras, frequentar bailes, de transitar pelo campo minado das convenções e valores arcaicos regidos pela sociedade local. Para elas a alegria dos tempos de menina e de adolescente era substituída, no tempo certo, pelo pesado jugo do casamento e da Igreja.

Elas formavam “a juventude estudiosa, as futuras mães de família, Iracema, Helena, Zuleika, Malvina”. Malvina, entre as donzelas, filhas dos coronéis, não se enquadra completamente nos papéis definidos às mulheres da sua idade e classe social. Casamento e independência se opõem em sua narrativa. Seu destino estava longe de ser a vida vivida pela sua mãe. Filha única do coronel Melk Tavares, tinha como hábito, todas as tardes, após o término das aulas, passear pela praça e folhear, na Papelaria Modelo, os livros dispostos nas estantes. Era considerada pelo dono da papelaria, Senhor João Fulgêncio, como uma moça de caráter e inteligente. Malvina era aquela por quem suspirava Josué, o professor.

Não me antecipando ao desfecho final de sua vida, mas seguindo os passos que a levam para um outro destino, distante do que lhe foi proposto e imposto, vamos encontrar Malvina, depois das aulas, na Papelaria Modelo. Uma leitora, se apossando corajosamente do romance “O crime do Padre Amaro” de Eça de Queiroz, considerado imoral, leitura privativa do sexo masculino, um descaminho. Destaca-se, no universo das personagens femininas pelo gosto e pelo hábito da leitura. Na papelaria, enquanto as moças do colégio das freiras deliciavam-se folheando a Biblioteca das Moças, “Malvina corria com os olhos a prateleira de livros, folheava romances de Eça, de Aloísio de Azevedo” “Tem o Crime do Padre Amaro, seu João? Tem sim. Quer levar? Vou levar, sim senhor. Quanto custa?” (AMADO, 1995, p.175).

Uma das moças do colégio, impressionada com a coragem de Malvina, indaga: “Você vai comprar? O que não vão dizer?” Um dos presentes comentou “Essas moças de hoje... Até livro imoral elas compram”. O dono da Papelaria, uma exceção, retruca: “Não diga besteira... O livro é muito bom... Essa moça é inteligente” (AMADO, 1995, p.175).

As escolhas de leitura de Malvina evidenciam o contraste entre o sistema de valores instituído, considerado por ela como absurdo, legitimado pela tradição e os novos valores trazidos pelo progresso e pelo desenvolvimento. Suas ideias, avançadas para o contexto social da época, eram consideradas como decorrentes de suas leituras que se destinavam para muitos, ao sexo masculino. Quando não coloca o casamento como uma prioridade em sua vida, quando não aceita um marido escolhido que não fosse por amor, quando se apaixona por um homem casado, quando não se rende e enfrenta os desmandos de seu pai,

à personagem aponta para a abertura de um novo espaço social, para uma nova possibilidade de viver, além dos desmandos impostos pelo pai.

Boa tarde seu João. Me disseram que o senhor andou vendendo uns livros ruins pra minha menina. Vou lhe pedir um favor: não venda mais nenhum. Livro só de colégio, os outros não prestam para nada, só servem para desencaminhar (AMADO, 1995, p. 214).

Ao esboçar para o pai o desejo de, logo após o ginásio, fazer faculdade, na capital, o coronel Melk Tavares, num destempero, dá o veredicto: “Não quero filha doutora. Vai pro colégio das freiras aprender a costurar, contar e ler, gastar seu piano. Não precisa mais. Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder” (AMADO, 1995, p.218).

Muito antes do tempo de Malvina o acesso aos livros e a leitura não era permitido a todos, muito menos um privilégio feminino. E a leitura de romances, pelas mulheres, muitas vezes feita em segredo, era vista como um descaminho. Uma perdição.

Comer do fruto proibido, simbolizado pela leitura de romances proibidos foi, simbolicamente, um crime cometido por Malvina.

[ela] odiava aquela terra, a cidade dos cochichos, do disse-que-disse. Odiava aquela vida e contra ela passara a lutar. Começara a ler. João Fulgêncio a encaminhava recomendando-lhe livros. Descobriu outro mundo mais além de Ilhéus onde a vida era bela, onde a mulher não era escrava. As grandes cidades onde podia trabalhar, ganhar o seu pão e a sua liberdade (AMADO, 1995, p. 219).

Vivia em tensão com o cenário da cidade, com a hipocrisia moral, com o seu espaço social onde cada um de seus passos é observado, onde cada um é conhecido detodos, em todos os lugares. Numa sociedade de vigilância, como diria Foucault, a qual ela tenta driblar todos os mecanismos de controle utilizados por seu pai e seus pares. É na solidão da leitura que a personagem encontra o refúgio e constrói a sua subjetividade. Aquilo que lê se opõe ao seu mundo, para ela hostil. Como

D. Quixote, que procura nas ficções que já leu o modelo da vida que deseja viver [ela crê que] a vida se completa com um sentido que se retira do que se leu na ficção [e é nela que a personagem encontra, às vezes], numa cena lida, um modelo ético, um modelo de conduta, a forma pura da experiência (PIGLIA, 2006, p.100).

No caso de Malvina, é na literatura, onde ela procura ver inscritas suas experiências e onde vê, ao mesmo tempo, a possibilidade de transformação.

Na adolescência freqüentava a Papelaria Modelo e “não olhava para os homens de Ilhéus, Iracema a chamava de *virgem de bronze*, o título de um romance, porque ela não tinha namorados” (AMADO, 1995, p.219). A comparação feita pela colega de colégio reforça a base da construção da personagem e seu mundo, sempre circulando em torno do mundo da leitura. Passou sua adolescência e entrou na mocidade sendo desejada por Mundinho Falcão e pelo Professor Josué. Ambos não se enquadram no modelo masculino por ela idealizado:

[...] marido trazido, escolhido pelo pai ou noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a

ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever, o respeito (AMADO, 1995, p.219).

Desperta desejo, mas não deseja. Pensa, critica e rejeita a realidade a sua volta. Rastreamento o romance, pistas nos levam às “situações de leituras” românticas que sinalizam para a construção do seu discurso e conduzem suas ações, que a fazem viver em constante tensão entre o objeto real e o objeto imaginário, que na realidade não existe. Vindo do Rio de Janeiro, Rômulo, um arquiteto, homem casado, aquele que veio de longe, desperta interesse e desejo em Malvina: “Esse sim, era diferente, esse podia arrancá-la dali, levá-la para outras terras, aquelas faladas nos **romances franceses**” (AMADO, 1995, p.220, grifo nosso).

Ao longo do enredo do romance, num crescendo, a busca da liberdade é vivida pela personagem. Mudar de Ilhéus, mudar de vida é o grande sonho. Como a estrutura social montada ao seu redor a impede de viver a vida imaginada, ela reage. O autor passa a atribuir a rebeldia da personagem às interferências das leituras de romances no seu discurso, nas suas aspirações, no seu modo de viver, como se os signos a levassem para outras direções como diria Ricardo Piglia (2006).

Aos romances franceses não só Jorge Amado atribui a revolta e o sonho de uma personagem leitora. Aloísio de Azevedo, um dos autores proibidos e prediletos de Malvina, também representa uma personagem, no romance *A condessa de Vésper*, cujos livros que “a protagonista lê influencia negativamente no seu modo de vida [...] entre eles, *A Dama das Camélias*”. Malvina, como Ema Bovary, se inspira no que lê e sonha com um mundo mais emocionante e livre longe de Ilhéus.

O romance entre Malvina e Rômulo, o arquiteto vindo do Rio de Janeiro e casado, choca a cidade. “T`esconjuro! ... Até parece que o demônio está solto em Ilhéus. Onde já se viu moça solteira namorar homem casado?” (AMADO, 1995, p.221). Para Melk Tavares seu pai, um desrespeito. Desavergonhada! Ele dá um prazo para o Dr. Rômulo deixar a cidade. Prende Malvina.

No quarto, espancada e presa, **leu** no Jornal da Bahia: Um escândalo abalou a alta sociedade da Itália. A princesa Alexandra [...], saiu da casa dos pais e foi viver sozinha, indo trabalhar como caixeira numa casa de modas. Isso porque seu pai queria que se casasse com [um] rico duque de Milão e ela está apaixonada pelo plebeu Franco Martini, industrial. **Parecia escrito para ela**” (AMADO, 1995, p.220, grifo nosso).

O destino pretendido era viver longe de Ilhéus, sair de lá, possibilidade vislumbrada na figura de Rômulo e no que ele representava: um mundo novo, a liberdade a ser vivida em outras terras. Rômulo abandona a cidade jurado pelo coronel, pai de Malvina. Ela se dá conta de que o caminho da liberdade teria de ser trilhado a sós “porque não partir com seus próprios pés, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia” (AMADO, 1995, p.221).

Saiu pelas mãos do pai que a leva para a Bahia. Como interna do Colégio das Mercês. Vai e leva consigo um plano, em segredo. Viver o destino sonhado longe de Ilhéus. Daí pra frente, 67 páginas do romance são escritas sem Malvina. Um desterro!

O período de férias escolares se aproxima. É o tempo de voltar para casa.

Chegavam estudantes em todos os navios. Só não desembarcava Malvina [...] Malvina fugira sem deixar rastro aproveitando a confusão da partida para as férias, o colégio em desordem [...] na Bahia não estava [...] no Rio não a encontraram. [...] foi então o mistério completo,

ninguém entendia, profetizavam sua volta próxima, arrependida. (AMADO, 1995, p.297).

Só João Fulgêncio, o dono da Papelaria Modelo, aquele que lhe indicava os livros para ler, não acreditava no seu retorno: “Não volta, tenho certeza. Esta vai longe, sabe o que faz” (AMADO, 1995, p. 297). Toda a cidade especulou sobre o destino de Malvina. Um escândalo indecente, um mau exemplo. “[...] muitos meses depois, em plena safra do ano seguinte, noticiou-se que ela **trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha**” (AMADO, 1995, p. 297, grifo nosso).

Um fim incerto e misterioso é destinado à personagem. Como uma fugitiva, ela desaparece. Sabe-se dela meses depois. Uma notícia sem fonte. Um boato. Por outro lado, noticiou-se que ela estava em São Paulo, uma terra prometida, aquela sonhada por Malvina. Dizem que ela estava trabalhando, estudando e vivendo a sós, vivendo a vida imaginada, aquela dos romances proibidos, dos romances franceses.

Jorge Amado ao mesmo tempo em que critica a situação vivida pela mulher leitora de romances, dando voz a Malvina para bradar contra todo o controle social exercido sobre ela e suas leituras, numa homologia com a história das lutas pela emancipação feminina no Brasil, concebe uma personagem que foge, se liberta, que estuda, trabalha e mora só numa grande cidade. Mas dá a ela um destino impreciso, difuso, não endereçado. Uma posição ambígua, imprecisa, que reforça a imagem instituída pela tradição, pela história - a das mulheres leitoras de romances como mulheres que se desviam do padrão moral e social desejado. Um fim anunciado, cujo caminho se bifurca. Reitera a necessidade do narrador de mostrar as consequências malélicas da leitura, e prenuncia um mundo novo, possível, saído das páginas dos romances que lhes foram proibidos.

5 GABRIELA NA TV: LITERATURA E ESPETÁCULO

A partir dos anos 1960 e 1970 do século XX, na avaliação de Renato Ortiz (1988), a consolidação do mercado de bens culturais se solidifica no país cujas produções, cada vez mais distintas, cobrem uma gama diferenciada de consumidores. Os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, consolidam o advento da indústria cultural no Brasil, introduzindo formas novas de apreensão do mundo, nova sensibilidade, ao buscar atender às exigências de uma recepção movida por novos parâmetros diante de novas formas de produção do objeto artístico, no qual a literatura se inclui.

Como reflexo, pode-se detectar, a partir dos anos 1970, que a própria escolha dos leitores passa a ser conduzida pelo mercado. Diante do “labirinto bibliográfico”, da produção em massa e da rapidez com que age o mercado, torna-se difícil uma reflexão sobre a obra, enquanto vão surgindo outros sistemas de orientação: “as colunas, os comentários, as resenhas, as notas, as famosas ‘listas dos dez mais vendidos’, os suplementos de cultura e cadernos ‘b’ nos jornais”. Sem deixar de mencionar a redefinição do estatuto do literário, do “puro objeto estético” ter sido gradativamente substituído pelo estatuto de mercadoria.

É marcante nessa época o papel que a telenovela desempenha na televisão e a opção desse veículo pela adaptação de romances da literatura brasileira.⁶ Sem ignorar o sucesso editorial de autores e obras reconhecidamente aceitas pelo público leitor brasileiro, a televisão investe em adaptações que lhe garantem a venda do “produto” e o

⁶ Em 1975, a obra *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo foi adaptada para novela pela TV Globo, sendo a primeira novela a cores exibida no horário das 18 horas.

retorno financeiro desejado, como a adaptação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1975, considerada um grande sucesso de público.

No ano de 1975, o romance *Gabriela, cravo e canela* é adaptado para a televisão, em forma de novela, suscitando, no seio da crítica literária acadêmica, questões relativas à “espetacularização” do autor e da obra nos meios de comunicação de massa e sua exposição no mercado, uma escolha de Amado. Desde as primeiras produções literárias de Amado, a linguagem de “fácil leitura”, o estímulo à repetição e o formato folhetim foram e ainda têm sido considerados, por um contingente da crítica, elementos desqualificadores de sua obra⁷, e, para outros segmentos críticos, como responsáveis pela aceitação e formação de um público leitor brasileiro, com a qual se identificava. Tania Pellegrini (1999) chama a atenção para o fato de que, mesmo antes de se configurar no país a relação entre bens culturais e mercado, Jorge Amado

[...] dá forma concreta ao chamado descompasso da cultura brasileira, ao incorporar ao tecido da sua obra, entre outras coisas a dinâmica do mercado e a estética do espetáculo, algo que as fragilidades, aliadas à qualidade “cinematográfica” de todos os seus textos, de certo modo antecipavam (PELLEGRINI, 1999, p.142).

Conforme a autora é justamente a partir dos anos 70, com o advento da indústria cultural no Brasil, que há um incremento do intercâmbio entre mercado e mídia, favorecendo tanto a montagem de peças teatrais, como a adaptação para televisão de sucessos literários, o que, segundo a autora, “se não ajudam a despertar a sensibilidade propriamente literária, é eficiente estratégia de estímulo ao consumo do produto cultural, seja livro, peça [etc]”⁸.

Silviano Santiago (2004), quando analisa a relação da literatura com a cultura de massa, considera que na “modernidade periférica brasileira” as formas de cultura de massa estão reduzidas ao fanatismo pelo folhetim de “alto teor sentimental e dramático”, vistos nas rádonovelas dos anos 1940 e nas telenovelas que incidem a partir dos anos 1960. É percebendo esse fenômeno, e não ignorando o alcance do escritor Jorge Amado junto ao público, o seu sucesso editorial, que a TV Globo investe na adaptação para novela do romance *Gabriela, cravo e canela*, em 1975, na certeza de estar lançando no mercado um produto de fácil consumo pelo público telespectador.

No estudo desenvolvido por Renato Ortiz (1988), sobre a modernização da tradição cultural do Brasil, destaca que a situação cultural dos anos 1960 e 1970 é caracterizada pelo volume e pela dimensão das produções do mercado de bens culturais e aponta como marco do advento e da consolidação da indústria cultural no Brasil, o desenvolvimento da televisão. Para Ortiz, (1988) “a televisão, por sua simples existência, prestou um grande serviço à economia brasileira: integrou os consumidores potenciais ou não, numa economia de mercado”. Nesse contexto, em rede nacional, pela TV Globo, a novela *Gabriela, cravo e canela* estreia, em abril de 1975.

⁷ Como foi demonstrado nas análises das histórias literárias dos anos de 1970 e por Pellegrini nos dias atuais: “Cada livro que escreve já nasce o mesmo, em forma e conteúdo, pois sabe que tem cativo o “leitor médio” acostumado aos seus “contos e à linguagem televisiva contemporânea a que não por acaso, suas histórias tão bem se adaptam”. Cf. PELLEGRINI, 1999, p. 142.

⁸ Nesse período, foram adaptadas para a TV as obras literárias *A sucessora*, *A escrava Isaura*, *Senhora*, *Gabriela, cravo e canela*, e posteriormente, *Tieta do Agreste*, *Jorge, um brasileiro*, *O primo Basílio*, *Os maias* e outros em forma de novelas e alguns no formato de minisséries. Em 1975, a revista *Amiga* lançou o romance *Gabriela, cravo e canela* em fotonovela; a Editora Brasil América, em revista em quadrinhos e no teatro em 1985 o romance foi adaptado para *ballet* e apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Como uma contribuição aos estudos em voga, da relação entre literatura e cultura de massa, o crítico literário Silviano Santiago faz uma leitura baseada nos estudos de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte, atribuindo um ganho à “exposição” a que está sujeita a obra de arte na contemporaneidade. No dizer desse crítico,

[...] a perda do valor de culto de uma obra de arte, ao mesmo tempo em que a dessacraliza, torna-a alheia à sua inscrição na tradição, [...] no momento em que passa a ser produzida ou reproduzida tecnicamente perde algo, mas ganha, como consequência os *infinitos lugares contextos* de sua reprodução. E se perde o valor de culto, também se refuncionaliza, passando a ter uma práxis social, leiga que é a intervenção imediata na esfera política (SANTIAGO, 2004, p. 114-115).

A partir dos argumentos levantados por Santiago pode-se considerar que a estréia na televisão brasileira da novela *Gabriela* se constituiu em um marco significativo da recepção amadiana, por tal adesão ter ocorrido quando a mídia televisiva se expande em rede nacional, o que não só favoreceu a divulgação da produção literária de Amado, como apontou para uma nova forma de mediação entre o livro e o leitor, agora efetuada por todos os artifícios permitidos pela relação estabelecida entre mídia e mercado. E ademais apontou “para a fragilidade do texto escrito, sobretudo aquele que se inscreve sob a rubrica de literatura erudita em um contexto no qual a cultura midiática torna-se hegemônica, particularmente no Brasil”. (SILVA, 2006, p. 36).

Essa adaptação, um ano depois de lançada, foi vista pela socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda (1976), da Universidade de São Paulo, como um produto já fadado ao sucesso, uma obra prima da televisão brasileira.⁹ No ensaio *Por detrás das plumas e dos “paillettés”: reflexões sobre Gabriela*, publicado no Suplemento Literário do jornal *O Estado de Minas Gerais*, a autora analisa as transformações sofridas pelo romance ao ser adaptado para outra linguagem, considerando que a escolha do romance enquadra-se numa tendência da Rede Globo de buscar, como fonte de inspiração das telenovelas, obras já conhecidas da literatura brasileira, podendo tal “fenômeno” ser explicado pela configuração da indústria cultural, que se consolida a partir dos anos 1960.

Para Arruda, (1976) o foco da análise converge para as transformações sofridas pela obra capazes detorná-la viável como produto da indústria cultural. Sublinhando as razões que levam os produtores a substituírem antigas fórmulas – novelas escritas por autores contratados da empresa –, a buscarem outras fontes, como as produções literárias, aponta para o retorno financeiro em forma de audiência que lhes é auferido. Sinaliza para o reforço de estereótipos como uma prática televisiva que na novela *Gabriela, cravo e canela* pode ser observada na construção dos personagens principais: em Nacib, o estereótipo do árabe é reforçado quando o foco converge para a ganância por dinheiro, o desejo de enriquecer e as artimanhas para conseguir tal intento. E Gabriela enquanto representação televisiva:

⁹ A primeira adaptação do romance para a televisão foi feita em 1961, pela TV Tupi, por Antonio Bulhões de Carvalho e Zora Seljan, com os atores Janete Vullu de Carvalho e Renato Consorte, nos papéis de Gabriela e Nacib. Em 1975, com sucesso estrondoso de público, o romance foi adaptado para novela, pela TV Globo, por Walter Durst. Dirigida por Walter Avancini, teve como atriz principal Sônia Braga no papel de Gabriela e Armando Bogus no papel de Nacib. Estreando no dia 14 de abril e terminando no dia 24 de outubro de 1975, a novela foi exibida no horário das 22 horas, compondo-se de 135 capítulos. Fonte: Fundação Casa de Jorge Amado.

[...] deixou de ser a afirmação da moralidade, perdendo todo aquele vigor, para se transformar em mero objeto sexual e num tipo quase folclórico [...] pelo fato da televisão não ter podido ou não ter sabido utilizar os pensamentos de Gabriela, fundamentais à constituição da sua personalidade no romance. Ela acabou reduzida a uma mulher apenas adequada como cozinheira e amante (ARRUDA, 1997).

Destaca como pontos divergentes na adaptação do romance para a TV, devido à linguagem televisiva fundada na imagem,

[...] o realismo com que são tratados os acontecimentos e a linearidade dos fatos que acabam por afetar a seqüência narrativa do romance, a alteração do peso relativo do narrar e descrever; a criação de tramas amorosas paralelas e articuladas: o didatismo; o maniqueísmo; a estereotípia; constitutivos das principais mudanças ocorridas na trajetória do romance à novela. [...] (ARRUDA, 1997).

Pensa a autora que, quanto à questão da escolha do romance de Jorge Amado pela TV Globo, segundo ao que tudo indica, os produtores da telenovela pensavam estar oferecendo aos telespectadores uma excelente oportunidade de “consumir uma obra de cultura”, cujo conceito para ela é questionável.

Vale ressaltar que não só da televisão se valeu Jorge Amado como veículo mediador de suas obras. Ainda se vale. Gabriela retornou às telas da Rede Globo, neste século. E ademais, outras obras foram adaptadas para o teatro, cinema, revista em quadrinhos, além de serem inspiradoras de músicas do cancionero nacional.

6 UM FIM PROVISÓRIO

E por fim, nesse longo e arbitrário percurso, a intenção foi cumprir a promessa: apresentar aqui algumas leituras que fizemos e demonstrar as inúmeras possibilidades de leitura e interpretação que a obra amadiana vem permitindo e inspirando, originalmente apresentadas à sombra de árvores centenárias do Museu Rodin. Em particular, ressalta-se o potencial do romance *Gabriela, cravo e canela* o qual tem sido demonstrado através das relações que a obra vem mantendo com o público leitor e do diálogo entabulado por sucessivas gerações. Ele tem sido reatualizado através de perspectivas de leituras e adaptações, as mais variadas, como tem sido considerado como uma fonte de referência para os estudos da cultura, o que afirma a dimensão da grandeza e atualidade da obra literária do escritor Jorge Amado.

**GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON:
POSSIBLE READINGS BETWEEN THE GARDENS OF THE RODIN MUSEUM**

Abstract:

This essay proposes to narrate about what happened one afternoon when amadianos readers met in the gardens of the Rodin Museum, one of the moments of Reading, programmed by Proler-Salvador, for a reunion and a reinterpretation of the most controversial, and most read more emblematic book by Jorge Amado: *Gabriela, clove and Cinnamon*, character part of a conscious author of representing, in fiction, a model, an ideal type of Bahia, Brazil, symbol of national identity woman project. This points to a novel ideological coherence of the writer with the aesthetics of socialist realism advocated as a fundamental element for validation of art aspects relating to folklore, to laughter, to expressions of popular art. It is intended by the tangent of the writer and literary trajectory before the greatness and relevance of his work, especially *Gabriela, Clove and canela*, present possible readings of the novel. Your time, context, imaginary visions built by Brazilians and foreigners about Bahia and its people, fed by the reading of the novel, the conformation of the world of women in the social structure of the Islanders in 1925, the story of Malvina, a reader of novels, the entry and return to Gabriela TV screens.

Keywords: *Gabriela, Clove and Cinnamon*. Jorge Amado. Bahia literature.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 77 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. (Obras ilustradas de Jorge Amado, 14).

ARRUDA, Maria Arminda Por detrás das plumas e dos “pailletés;” reflexões sobre Gabriela. **O Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, Suplemento Literário, 10, jan., 1976. Parte II.

ATHAYDE, Tristão. Gabriela e o crepúsculo dos coronéis. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1959.

BESSA-LUIS, Augustina. **Memórias paralelas da Baía**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos) 1836-1880**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. v. 1 e 2. v.1, p.31.

CARVALHO, Maria do Socorro. **Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia dos anos JK (1956-1961)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

CERQUEIRA, Nelson. **A política do Partido Comunista e a questão do realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

COROMINAS, Juan. Incidencia feminina em la structura de Gabriela, cravo e canela. **Hispania**, n.68. p. 484-489, set. 1985.

DUARTE, Eduardo Assis. Classe, gênero e etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, mar. 1997.

DUARTE, Eduardo Assis. Mulher e preconceito (s) no romance brasileiro. In: **Mulher e literatura**, Belo Horizonte: ANPOLL, VITAE, UFMG, 1990.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ENTREVISTA. **Playboy**, ano 64, n.64, p.50, 1980.

LIMA, Alceu Amoroso. Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1958.

MAGALHÃES, Belmira. Uma análise da representação de gênero na literatura contemporânea. **EXU**, Salvador, FCJA, n. 35, abr/jun. 1997.

ORTIZ, Renato. **A Moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: brasiliense, 1988.

OURO PRETO, Maluh. A moça do ano. **Shopping News**, dez. 1958.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. **Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado**. Salvador: FCJA, 1999. (Coleção Casa de Palavras. Série Ensaio, 17).

PELLEGRINI, Tania. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPES, 1999.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PORTELA, Eduardo. *Gabriela*. **O Estado**, Fortaleza, 4, jan., 1959.

RAMOS, Ricardo. Gabriela e as outras mulheres de Jorge Amado. **Nova**, São Paulo, n.21, p.100-101, jun. 1975.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

ROCHA, Hildon. Gabriela, um novo começo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 jun., 1959.

ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal amado**. São Paulo: Cultrix, 1987.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Partido Comunista, cultura e literatura brasileira**. [Sl., s.n.].

SANTIAGO, Silviano A crítica literária no jornal. In: **O Cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 161.(Humanitas).

SEMANA DO AUTOR. Madrid, Instituto de Cooperación Ibero Americano, 23 al 26 de marzo, 1987. **Jorge Amado**. Madrid: Editora Critica Hispanica, 1989. p. 80-82.

SILVA, Márcia Rios da. **O rumor das cartas**: um estudo da recepção de Jorge Amado. Salvador: Fundação Gregório de Matos/ EDUFBA, 2006.

SUAREZ, Ramon. Tres etapas em el desarrollo de la novela brasilenã. **Revista Chilena de Literatura**, Santiago, ano 44, n. 1531, p.15-31. 1994.

VARGAS LLOSA, Mario. **A verdade das mentiras**. S.l.: Arx, 2004.

Artigo recebido em 20/07/2014. Aceito para publicação em 30/09/2014.